

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Centro Regional do Porto

Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA

Publicação Quadrimestral

ISSN 0870 — 080X

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia

Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)

4100 PORTO

PORTUGAL

Assinatura Anual

Portugal	1000\$00
Estrangeiro	US\$18.00

Fascículo avulso

Portugal	350\$00
Estrangeiro	US\$ 7.00

Ano 10 — Setembro-Dezembro de 1989 — Fasc. 3

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Angelo Alves
 António Maria Bessa Taipa
 Joaquim Monteiro
 Manuel de Pinho Ferreira

1989

Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga

Depósito Legal: 18086/87

A hora da reconciliação e da justiça para Leonardo Coimbra

A vinda a lume, em fins de Junho do corrente ano, das Actas do Colóquio «Leonardo Coimbra. No Cinquentenário da sua Morte», realizado na Universidade Católica, em Lisboa, nos dias 21 e 22 de Novembro de 1986, constitui um evento cultural de relevante significado¹. Primeiramente, pelo valor científico-filosófico das comunicações publicadas. Mas, sobretudo, por ser o último elo de uma cadeia de manifestações culturais, centradas na personalidade e na obra de Leonardo Coimbra, por ocasião do Centenário do seu Nascimento (30-12-1883) e do Cinquentenário da sua Morte (2-1-1936).

Por isto mesmo, pareceu oportuno fazer um balanço de toda a actividade histórica, literária, filosófica e artística, que neste horizonte comemorativo, está em relação com o filósofo portuense.

Do seu conjunto, afirmo já em antecipação, resultará, sem dúvida, a conclusão de que soou finalmente a hora da reconciliação e da justiça, para um dos intelectuais mais influentes no meio portuense e nortenho, com extensão ao todo nacional, e que fora relegado, por astres e desastres, para o canto obscuro do silêncio e da hostilidade.

Hora da reconciliação para a Universidade portuguesa, que o votara ao ostracismo, a ele que fundou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi seu Professor e primeiro Director.

Hora da justiça para a crítica filosófica, literária e sócio-política, agora que o tempo esbateu os contrastes, as polémicas, e as rivalidades.

¹ O *Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Lisboa, Edições Didaskália, 1989.

Hora do tempo histórico, que se mede por uma década.

Cinquenta anos depois

1 — Antes de mais, poderíamos perguntar-nos: porquê só agora, cinquenta anos depois da sua morte?

A resposta terá de compreender, integralmente, um somatório de factores de índole vária — individuais, ideológicos, culturais, políticos, que acompanham sempre as mudanças de geração, ou os momentos de viragem histórica.

Leonardo Coimbra cresceu para a vida nas últimas décadas do século passado, e atingiu a maturidade na primeira década deste século, antes da primeira grande guerra europeia.

Viveu como participante activo e, depois, com independência crítica, a implantação do regime republicano. Diagnosticou os seus males e tentou superá-los; vaticinou a sua queda e foi-se afastando gradualmente da política partidária. Morreu quando estavam em plena ascensão, na Europa, regimes totalitários e, em Portugal, se consolidava o «Estado Novo», autoritário e antidemocrático.

Ora, em todos estes acontecimentos, através de tão grandes mutações, Leonardo revelou uma personalidade de marca, intelectualmente estruturada, com vasta cultura científica e filosófica, com um sistema de ideias próprio, um sentido de responsabilidade cívica e moral muito elevado, uma disponibilidade e poder de intervenção nos domínios pedagógico e político-social, verdadeiramente invulgaes. Tudo, dentro do horizonte de uma metafísica moral e religiosa, em ordem à dignificação da pessoa e à espiritualização do Universo.

Mas, para além disso, das mutações que esbarravam na sua personalidade e a deixavam intocada, afastando os que a elas se sujeitavam; para além disto, a resposta está no seu itinerário espiritual, no seu percurso e actuação política e, finalmente, na sua morte prematura e inopinada.

Formado no livre pensamento e nele militando depois, começou a aproximar-se da Fé Católica, a partir de 1923. Acabou por regressar à Igreja, fazendo profissão pública de Fé e recebendo os Sacramentos. Este facto de conversão pessoal afastou-o decisivamente dos seus antigos correligionários, que o viam com suspeição, senão mesmo o acusavam de traidor. Sobretudo, por-

que alguns indícios, a quando das conferências sobre a «*Rússia de hoje e o homem de sempre*», em 1933 e 1934, prognosticavam, segundo os seus detractores, a adesão ao novo regime.

Tendo-se filiado no Partido Republicano em 1914, foi-se distanciando da ideologia positivista e da prática política intolerante que nele dominava, chegando a abandoná-lo e a ingressar na Esquerda Democrática, em 1926.

Ministro da Instrução, por dois breves períodos (1919, 1922), introduziu no sistema educativo reformas inovadoras que geraram polémica e contestação, nomeadamente, a criação das Escolas Primárias Superiores, da Faculdade de Letras no Porto, suprimida em 1928, e a tentativa de concessão da liberdade de ensino religioso nos estabelecimentos de ensino particular.

Assim, ao sobrevir a morte, oito dias depois da conversão religiosa, estava abandonado pelos correligionários do livre-pensamento, hostilizado pelos marxistas que sentiram a sua oposição frontal aos humanismos antropolátricos (nazismo e comunismo) e a defesa do humanismo cristão². Por outro lado, ainda não tinha criado raízes no meio católico, onde alguns o viram com desconfiança, ou esperavam sinais mais evidentes de posicionamento político conforme aos ventos dominantes.

Daí que fosse envolvido no véu do silêncio que a todos, mais ou menos consciente e coerentemente, agradava, ou, por razões opostas, a todos convinha.

Só um pequeno grupo de discípulos fiéis manteve vivos a sua memória e o seu magistério.

Entretanto, cinquenta anos depois, os ventos da história novamente mudaram de rumo. E, desta vez, em sentido favorável ao seu pensamento e à sua acção político-social. Surge até como modelo e precursor, em múltiplos aspectos da sua actividade e em muitas teses da sua filosofia. Prenuncia alguns rasgos destes tempos pós-modernos a definir-se, e muitas das orientações claramente necessárias ou já assumidas, no sistema educativo e na opção política.

Daí que, cinquenta anos depois, tenha soado a hora da reconciliação e da justiça.

² ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS, *O Drama de Leonardo Coimbra*, in «Cultura e Arte», suplemento de *O Comércio do Porto*, 7-10-1980, 21-22; SANT'ANNA DIONÍSIO, *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno*, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, passim.

O Horizonte da «Nova Renascença»

2 — Os factos culturais que fazem dos anos oitenta, a década da reconciliação e da justiça para Leonardo, são de índole vária: associativa, editorial, comemorativa, artística, histórica e filosófica.

O primeiro, constituindo como que o pano de fundo ou o horizonte dentro do qual têm emergência todos os outros, foi o aparecimento da Associação «Nova Renascença» (Primeiro Manifesto a 15 de Julho de 1980), sediada no Porto, e o início das suas actividades: a revista «Nova Renascença» (1980), as edições do mesmo nome, o suplemento «Cultura e Arte» do Jornal «O Comércio do Porto», a Comissão Cívica Independente (Manifesto e Cadernos), Conferências e Debates.

De harmonia com o editorial do primeiro número da revista, o objectivo é «renascer».

«Nascida de um reencontro com uma geração, que aqui no Porto no início deste século, iniciou a «organização da cultura nacional», nas palavras de Fernando Pessoa, a «Nova Renascença» emergiu como revista e como movimento numa fase de reconstrução democrática do País, tal como a «Renascença Portuguesa» surgira no contexto dos primórdios da I República, visando o despertar de uma consciência patriótica e cívica necessária para a superação de um sentimento generalizado de decadência e de crise»³. Na revista foram sendo homenageadas algumas figuras tutelares da «Renascença Portuguesa». E entre elas não podia deixar de emergir Leonardo Coimbra. É o que podemos comprovar através dos estudos aí publicados, ao longo destes anos, mas principalmente no número comemorativo do 75.º aniversário da «Renascença Portuguesa», em que aparecem cinco, enquanto um apenas é consagrado a Jaime Cortesão e outro, a Teixeira de Pascoais⁴.

³ JOSÉ AUGUSTO SEABRA, *Da «Renascença Portuguesa» à «Nova Renascença»*, in *Programa do 75.º Aniversário da Renascença Portuguesa*, Porto, 1987, 3.

⁴ PINHARANDA GOMES, *O Sorriso do Pensamento (A Ideia de Graça em Leonardo Coimbra)*, in *Nova Renascença* 2 (1981) 86-93; ANTONIO BRAZ TEIXEIRA, *Convergências e Peculiaridades das Filosofias Portuguesa e Brasileira*, in *Ibidem* 2 (1981) 169-175; SANT'ANNA DIONÍSIO, *Sucinto Proémio (Introdução às Obras de Leonardo Coimbra)*, in *Ibid.* 3

De igual modo, no Ciclo de Conferências promovido no mesmo aniversário, conjuntamente com uma Exposição bibliográfica e iconográfica, na Fundação Eng. António de Almeida, duas tiveram por tema o Mestre portuense⁵. Na abertura deste Ciclo, o Prof. Doutor José Augusto Seabra, um dos fundadores e principal animador do novo movimento, reafirmou o projecto cultural que lhe está na origem, definindo-o como projecção para o futuro dos valores oriundos da «Renascença Portuguesa», actualizados e renovados em função das condições decorrentes da Modernidade⁶.

As Comemorações do Centenário do Nascimento de Leonardo Coimbra

3 — O Centenário do Nascimento do autor do «Criacionismo» (30-12-1883) motivou alguns actos comemorativos, localizados no Porto e na vila da Lixa, sua terra natal, que tiveram repercussão por todo o país, através dos meios de comunicação social. Mas, sobretudo, despertou a curiosidade e o interesse dos investigadores para a análise da sua obra e deu estímulo aos especialistas de vários ramos do saber, para divulgar o seu pensamento e a exemplaridade da sua acção cívica e cultural.

(1982) 7-20; MANUEL PATRÍCIO, *A influência de Charles Renouvier em Leonardo Coimbra*, in *Ibid.* 3 (1982) 382-392; ANTONIO BRAZ TEIXEIRA, *Situação de Leonardo Coimbra na Filosofia Portuguesa*, in *Ibid.* 4 (1983) 117-127; IDEM, *Criacionismo e Saudade no Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, in *Ibid.* 7 (1987) 225-231; ANGELO ALVES, *Leitura Metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, «Obra-Prima» de Leonardo Coimbra*, in *Ibid.* 7 (1987) 232-252; JOSÉ GERVASIO LEITE, *Recordações de Leonardo Coimbra*, in *Ibid.* 7 (1987) 253-256; JOSÉ AUGUSTO SEABRA, *Leonardo Coimbra e a Faculdade de Letras do Porto: Uma Filosofia da Liberdade Criadora*, in *Ibid.* 7 (1987) 257-260; JOSÉ GAMA, *Leonardo Coimbra e a Poesia Portuguesa*, in *Ibid.* 7 (1987) 261-272.

⁵ Conferência pelo Prof. Doutor Manuel Ferreira Patrício: «Introdução à Pedagogia de Leonardo Coimbra» — 15 de Dezembro de 1987; Conferência pelo Dr. António Quadros: *Leonardo Coimbra e os seus Discípulos* — 16 de Dezembro de 1987. Esta foi publicada em *Nova Renascença* 8 (1988) 14-30.

⁶ Cf. «Cultura e Arte», suplemento de *O Comércio do Porto*, 13-12-1987, 1.

3.1 — A Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em colaboração com a Fundação Eng.º António de Almeida, através de uma Comissão organizadora das *Comemorações do 1.º Centenário do Nascimento de Leonardo Coimbra*, promoveu um ciclo de Conferências e uma mesa redonda. A sessão inaugural das Comemorações realizou-se no dia 15 de Março de 1983, na Faculdade de Letras, presidida pelo Reitor da Universidade, Prof. Doutor Oliveira Ramos. A sessão de encerramento teve lugar no dia 16 de Dezembro, proferindo uma conferência o Prof. Doutor José Augusto Seabra, sob o tema «Leonardo Coimbra e a Faculdade de Letras do Porto»⁷.

Infelizmente, estas conferências, da autoria de Professores Universitários das Faculdades de Letras do Porto, Coimbra e Lisboa, da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, de representantes do movimento da «filosofia portuguesa» e de outros investigadores, no seu conjunto, ainda não foram publicadas.

3.2 — A Revista Portuguesa de Filosofia dedicou a Leonardo Coimbra um número especial — tomo XXXIX, fasc. 4, Outubro-Dezembro de 1983.

A indicação dos artigos e seus autores, reunidos sem plano manifesto, consta do apêndice, no fim deste estudo.

3.3. — Aparecem reeditadas, no Porto, as obras de Leonardo Coimbra, com introdução de Sant'Anna Dionísio, a quem se deve também a selecção, coordenação e revisão dos textos⁸.

Sobre os méritos e deficiências desta reedição escreveu o Prof. Doutor Alexandre F. Morujão algumas «Notas». É pena que ainda não tenha sido esta a edição crítica possível.

Particularmente, salienta-se a omissão incompreensível do volume «*Guerra Junqueiro*», publicado por «A Renascença Portuguesa» em 1923.

Aí, como refere o Prof. Morujão, «se encontrará grande número de posições bem expressas, ilustrativas da evolução espiritual do filósofo, muito especialmente da sua crescente aproximação

mação ao catolicismo, e que ajuda a desfazer a hipótese, sustentada por alguns, da sua conversão ser apenas fruto de circunstâncias ocasionais: a angústia de perder o segundo filho»⁹.

3.4 — Foi igualmente reeditado o opúsculo de Sant'Anna Dionísio *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e dos seus Problemas*, publicado em 1936¹⁰. Não tem qualquer alteração ou aumento, apenas uma «adenda extra texto».

Sobre a conversão de Leonardo Coimbra à Fé Católica e a interpretação que o seu ilustre discípulo mantém intocável nesta obra, podem ver-se a resposta dada, logo em 1936, pelo próprio filho do filósofo portuense, Leonardo Augusto Coimbra¹¹ e os artigos aparecidos nesta mesma Revista, em 1984¹².

3.5 — As comemorações do Centenário do Nascimento de Leonardo Coimbra na Vila da Lixa, concelho de Felgueiras, tiveram lugar no próprio dia do aniversário — 30-12-1983. A sua terra natal esmerou-se para homenagear condignamente um dos seus filhos mais ilustres.

As comemorações foram iniciadas com uma conferência do Dr. António Braz Teixeira, no dia 26 de Dezembro, intitulada «*A Situação de Leonardo Coimbra na Filosofia Portuguesa*». Incluíram um colóquio informal sobre Leonardo Coimbra, no dia 29, de que foi moderador o Dr. Sant'Anna Dionísio, contando com a presença de vários intelectuais e estando na mesa de honra os autarcas do Município de Felgueiras e o Eng.º José Coimbra, parente do homenageado, e ainda as Exposições: Bio-bibliográfica, Filosófica e Leonardo Coimbra — 100 anos depois.

O seu epílogo, porém, e momento mais alto, consistiu na inauguração da estátua, da autoria do escultor Manuel Ignácio, sob a presidência do Ministro da Educação, Prof. Doutor José

⁹ ALEXANDRE F. MORUJÃO, *Notas*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 39 (1983) 480.

¹⁰ SANT'ANNA DIONÍSIO, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e dos seus Problemas*, Porto, Lello & Irmão, 1983.

¹¹ LEONARDO COIMBRA, FILHO, *Leonardo Coimbra, Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Anna Dionísio*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1936, 70 pp.

¹² ANGELO ALVES, *A Conversão de Leonardo Coimbra, História e Interpretação*, in *Humanística e Teologia* 5 (1984) 179-217 e 337-370.

⁷ O elenco dos Conferentes e dos temas será colocado em «Apêndice» a este artigo e consta de *Fundação Eng.º António de Almeida. Sinopse de Actualidades*. 1983, Porto, 1984.

⁸ LEONARDO COIMBRA, *Obras de Leonardo Coimbra*, I e II vols., Porto, Lello & Irmão — Editores, 1983. (Introdução, selecção, coordenação e revisão dos textos de Sant'Anna Dionísio).

Augusto Seabra, e com a presença das autoridades distritais, do Arcebispo-Bispo do Porto e da irmã do homenageado, D. Aida Coimbra¹³. Seguiu-se uma sessão solene, em que discutiram o representante da autarquia e presidente da Comissão organizadora, Prof. Bragança da Cunha, o Dr. Sant'Anna Dionísio e o Ministro da Educação. Este, em oração brilhante, afirmou «que a estátua de Leonardo Coimbra ficará a atestar o que de melhor se produziu a nível de pensamento contemporâneo». E ainda: «A conversão de Leonardo Coimbra é também uma renascença — nascer de novo e para algo de novo. Portugal tem de renascer»¹⁴.

3.6 — Homenagem dos Antigos Alunos de Leonardo Coimbra, que «ergueram» o seu busto, na Praça Pedro Nunes, frente ao Liceu Rodrigues de Freitas, da cidade do Porto. A obra é do escultor António Duarte.

A iniciativa teve origem na sessão solene de encerramento das Comemorações do 50.º aniversário da inauguração do edifício do Liceu, onde Leonardo Coimbra terminou a sua carreira docente, depois de encerrada a Faculdade de Letras; pertenceu à Associação dos Antigos Alunos e foi concretizada graças ao apoio do Ministério da Educação e da Câmara Municipal do Porto, que custearam as despesas.

Na inauguração estiveram presentes o Ministro da Educação, as autoridades municipais, distritais e académicas, profes-

¹³ Em artigo publicado no diário *Correio da Manhã* (Lisboa, 22-8-1989) sob o título *Estátuas e Mamarrachos*, Costa Moreira Vales faz uma crítica a várias estátuas recentemente inauguradas, incluindo a de Leonardo Coimbra. A este se refere, em legenda sob duas fotografias: «Leonardo Coimbra. Infeliz na vida, infeliz na morte e ainda infeliz na sua memória com que o quiseram perpetuar. Não conheço em toda a iconografia portuguesa mamarracho igual. Só descendo às estátuas «naíves» da baixa idade média. Se ele erguia a mão esquerda teríamos ali a figa do PS: nada para ninguém».

E, no texto, não é menos violento, fazendo um apelo à Câmara Municipal e a todos os habitantes da Lixa «para que seja» mandada fundir aquela vergonha, e, se for preciso uma subscrição para angariar fundos e se encomendar uma nova estátua (...), considera-se já aberta neste jornal com 5.000\$00. Venham as adesões para o CM e o resto se fará».

¹⁴ Cf. *Notícias de Felgueiras*, 5 de Janeiro de 1984.

Este número inicia a publicação da Conferência do Dr. António Braz Teixeira «Situação de Leonardo Coimbra na Filosofia Portuguesa».

sores e alunos actuais do Liceu, D. Maria Odete Marques Coimbra, nora do homenageado e outros familiares, bem como a Comissão organizadora, constituída por antigos alunos, dentre os quais se destacava o Dr. Sant'Anna Dionísio, considerado um dos mais representativos, ainda sobreviventes¹⁵.

3.7 — O Prof. Doutor José Augusto Seabra, que representou o Governo nessa cerimónia, publicou na semana seguinte, um artigo, intitulado «Leonardo Coimbra e a Política da Educação», alusivo ao acontecimento. Nele retoma certamente, algumas palavras então proferidas e sublinha o sentido da sua presença naquele acto público, como Ministro da Educação e como homem de cultura.

São particularmente elucidativos e dignos de menção os seguintes passos: «Não é segredo para ninguém: fiz de Leonardo Coimbra, duas vezes Ministro da Instrução, o patrono do Ministério que me é dado dirigir. Afirmei-o perante a Assembleia da República, ao defender o programa do Governo e tenho-o repetido sem descanso. É que em Leonardo Coimbra se consubstanciam, para lá do pensador e do escritor, do tribuno político e parlamentar, as virtudes de um homem de Estado, tais como as entendendo: o amor à liberdade e à verdade, a honestidade mental e a coragem moral, o rigor e a coerência das ideias, a firmeza na decisão e na acção. Atributos sem os quais a política se vai esvaindo ao sabor das pressões e dos oportunismos, dos ataques e dos elogios fáceis, com que tantos se deixam impressionar».

E ainda e mais concretamente: «Se Leonardo tivesse sido seguido nesta visão ecuménica da educação, eminentemente livre e democrática, ter-se-iam evitado, sem dúvida, algumas guerras e anátemas, que envenenaram a política escolar, durante a I República, e contribuíram para a sua queda. Felizmente, tais fanatismos estão em vias de ser superados, apesar da ressurgência, aqui e ali, de alguns velhos fantasmas, que urge exorcizar».

«Ao inspirar-me no ideário de Leonardo Coimbra, julgo ter dado uma contribuição para a paz educativa — civil e religiosa — de que hoje usufruímos, diferentemente de alguns países europeus, onde o velho machado de guerra e intolerância foi desenterrado, como é o caso da França e mesmo da vizinha Espanha. Haverá, talvez, quem não tenha dado ou não queira dar por

¹⁵ Cf. *Jornal de Notícias*, Porto 17-06-1984.

isso, por distração ou má fé, mas é algo de muito precioso, que norteia a política de educação do actual Governo e que se vai orientando por uma bússola permanente: a busca de um *consenso nacional*, ao menos neste domínio decisivo para o futuro dos nossos filhos, para o futuro do nosso país»¹⁶.

3.8 — Pode dizer-se que grande número de periódicos do país, revistas e jornais especializados, e também os jornais diários assinalaram o Centenário do Nascimento de Leonardo Coimbra, ora noticiando as Comemorações já referidas, ora integrando nas suas páginas de cultura ou de opinião artigos evocativos da sua figura e da sua obra.

Para o verificar, pode consultar-se, por exemplo, o *Subsídio para uma Bibliografia sobre Leonardo Coimbra* (1980-1984) publicado na Revista «Humanística e Teologia»¹⁷.

Ecos do Centenário

4 — Nos anos seguintes, quase como réplica à movimentação cultural, aquando do Centenário, mas réplica amplificadora e profundizante ou fruto amadurecido, surgiram o primeiro volume dos «*Dispersos*» e três obras de análise crítica e sistematizadora do pensamento filosófico de Leonardo, bem como dos aspectos biográficos.

4.1 — O primeiro volume reunindo os escritos dispersos de Leonardo Coimbra, apareceu no fim de 1984. Com a promessa de que outros se lhe seguiriam. E assim aconteceu em 1987 e em 1988. Só falta o quarto volume, já programado.

Constituem todos eles iniciativa meritória do Dr. Pinharanda Gomes, a quem se deve a compilação, fixação do texto e notas do I vol. e igualmente do II e III, mas, ajudado nestes por Paulo Samuel.

A «Nota preliminar» do I volume é de Pinharanda Gomes, do II, de António Braz Teixeira e do III, de Francisco da Gama Caeiro.

¹⁶ JOSÉ AUGUSTO SEABRA, *Leonardo Coimbra e a Política de Educação*, in *O Comércio do Porto*, 24-06-1984, p. 2.

¹⁷ *Subsídio para uma Bibliografia sobre Leonardo Coimbra* (1980-1984), in *Humanística e Teologia* 5 (1984) 365-370.

É de todo supérfluo enaltecer o valor desta iniciativa. Os investigadores, no futuro, terão outras facilidades de acesso à obra do filósofo portuense e esta aparecerá com outra magnitude, dado o grande número de escritos dispersos em jornais e revistas, muitos deles, de intervenção pedagógica, social e política¹⁸.

4.2 — A primeira obra de análise crítica, impressa em Janeiro de 1985, é um estudo monográfico do operoso e erudito historiador da filosofia portuguesa Dr. Pinharanda Gomes. Tem por título *A Teologia de Leonardo Coimbra*¹⁹ e é apresentada como um ensaio «arriscado» que, «evitando o escolho cousista, visa acompanhar as malhas do pensamento teológico fundamente entrosado no pensamento científico, poético e filosófico do mais dotado dos espirituais portugueses».

O volume é dedicado «A Memória de Alvaro Ribeiro, José Marinho, P. António Dias de Magalhães, S.J. e Delfim Santos».

Na pegada dos discípulos de Leonardo, que continuaram o seu Magistério, Pinharanda Gomes adopta o princípio de que não há filosofia sem teologia. Ora, Leonardo quiz ser e foi tido sempre, como filósofo; terá de considerar-se também um teólogo, ainda que laico?

O Criacionismo é um sistema filosófico; contém igualmente uma teologia?

É sabido que a teologia pode ser racional ou filosófica e revelada ou teologia sem mais.

Pinharanda Gomes, depois de situar a filosofia de Leonardo Coimbra no contexto teodiceico da «Renascença Portuguesa», descobre-lhe uma função mediadora entre a poesia e a teologia, secundarizando a ciência, que passa a ser um contingente nesta relação. José Marinho explica o filosofema «*philosophia sive theologia*» que continua a ser adoptado pelo movimento da «filosofia portuguesa». Nele inspirado, Pinharanda Gomes prossegue tematizando o pensamento teológico implicado

¹⁸ LEONARDO COIMBRA, *Dispersos. I. Poesia Portuguesa*, Lisboa, Ed. Verbo, 1984, 272 pp.

— Idem, *Dispersos. II: Filosofia e Ciência*, Lisboa, Ed. Verbo, 1987, 337 pp.

— Idem, *Dispersos. III: Filosofia e Metafísica*, Lisboa, Ed. Verbo, 1988, 274 pp.

¹⁹ PINHARANDA GOMES, *A Teologia de Leonardo Coimbra*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, 198 pp.

no Criacionismo, mas pondo-o dentro do esquema da revelação Cristã. Passa do tratado de Deus para o de Cristo e deste para o tratado do Espírito. De permeio está o problema do mal, no primeiro intervalo, e a antropologia, no segundo.

Falta somente a eclesiologia. Daí que estejamos perante um género misto de teologia que é discurso filosófico dentro de moldes revelados. Não parece a filosofia de Leonardo aspirar ao sobrenatural, pelo seu dinamismo criacionista, pela sua busca assintótica da Mónada suprema, do Grande Solitário inacessível, da Fonte de amor que imponderabiliza todo o Universo? Não constitui o itinerário espiritual de Leonardo, ascendendo de uma metafísica moral e religiosa à Fé Cristã, a exemplificação disso mesmo?

Pinharanda Gomes mostra-se conhecedor da ortodoxia católica e dos grandes Mestres da sua teologia, mas não parece ficar imune do rasgo de heterodoxia que caracteriza a «filosofia portuguesa», adoptando o gnosticismo nela latente, de tipo racionalista, ou confinando-se numa teologia não apenas laica, mas laicista.

De qualquer modo, é a obra mais assinalável, deste período, como tentativa hermenêutica, embora demasiado preconcebida, de vasta erudição e temática fundamental, obra de maturidade de um historiador que é também, ensaísta e crítico literário²⁰.

4.3 — A segunda obra tem igualmente como referência o Dr. Pinharanda Gomes. Desta vez como organizador e prefaciador.

Trata-se de uma Colectânea de Estudos que o Instituto Amaro da Costa (IDL) editou, em memória de Leonardo Coimbra²¹. A sua publicação «constitui-se um acto de cultura, destinado a ecoar para, além deste nosso tempo aflito. Do mesmo passo que se comemora e rememora, outra intencionalidade inere às funções deste livro: servir de aperitivo e de convite às novas gerações, para que, estudando o pensamento e a obra de Leonardo, também elas possam beneficiar do seu magistério

²⁰ Cf. Recensão bibliográfica do autor deste artigo em *Humanística e Teologia* 10 (1989) 275-281.

²¹ *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, Instituto Amaro da Costa (IDL), 1985, 301 pp.

e produzir os frutos que a comunidade nacional imediatamente carece, e que a comunidade universal imediatamente interpela»²².

Os dozes estudos, cujo elenco é referenciado no «Apêndice», são seguidos de uma breve antologia de textos de Leonardo Coimbra, a cuja selecção parece ter presidido o intuito de formação política, atendendo, por certo, à natureza da instituição editora.

Abrangem temas ou aspectos histórico-bibliográficos, filosóficos e literários, definidores das raízes e do cerne da doutrina criacionista.

Este volume é certamente o mais rico de conteúdo, pela variedade dos estudos, pela originalidade e extensão de muitos deles, pela diversidade mental e ideológica dos autores.

4.4 — A terceira obra, a mais volumosa, pode apelidar-se de «biografia de Leonardo Coimbra», embora o não seja exclusivamente. É seu autor Sant'Anna Dionísio, o discípulo mais diligente em avivar a memória e difundir o magistério do Filósofo portuense²³.

Impressa em Março de 1985, não contém na capa, nem no frontispício, a editora e o lugar da publicação. Igualmente carece de apresentação ou prefácio, e tem apenas um índice geral.

Trata-se da compilação, novamente ordenada, de estudos anteriores, já publicados e até aí dispersos, quer em obras de colaboração, quer em revistas e jornais.

A primeira parte é certamente a melhor e a mais completa biografia do filósofo-tribuno. A sua matriz é a «*Biografia*» e a «*Bibliografia*» de e sobre Leonardo, constantes do volume «*Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*»²⁴; Todos os capítulos, à excepção de três, tinham sido publicados na série de artigos de «O Primeiro de Janeiro» que vai de 02.06.1980 a 07.12.1981. Foram introduzidas pequenas modificações, num ou noutro, e omitidos alguns parágrafos e notas que tinham sido transpostos.

²² PINHARANDA GOMES, *Prefácio*, Ibidem, p. 14.

²³ SANT'ANNA DIONÍSIO, *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, 467 pp.

²⁴ *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, 269-423.

A biografia é mais ideográfica que factual; não é visível a sucessão no tempo; os capítulos sucedem-se à maneira de episódios de série televisiva, mas mais sincopados, cortando a trama do discurso. Os títulos são mais alegóricos de que indicativos.

A linguagem é rica e erudita, revelando domínio da filologia clássica e vasta cultura literária.

O estilo impõe um ritmo lento, muito estudado e rebuscado, com frases longas, recheadas de adjectivos e imagens interpretativas, à busca de efeitos de expressão.

A segunda parte, sem título, como a primeira, é indicada apenas pelo número romano; contém vários estudos monográficos sobre o pensamento de Leonardo, por exemplo, valor da ciência, sentido do Uno e do Múltiplo, sentido humano e transcendente da eloquência, já publicados.

Por esta razão, o volume não apresenta qualquer novidade. Nem sequer integra alguns dados novos, aparecidos na série de artigos de «O Primeiro de Janeiro» entre 05.12.1983 e 18 de Junho de 1984, por sua vez, reprodução quase literal de *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas*²⁵. Só é lamentável que isso mesmo não tivesse sido declarado, desde o princípio.

Porque, de resto, é inteiramente legítimo, e mesmo necessário, reunir escritos dispersos, sobretudo quando têm mérito literário ou fornecem dados imprescindíveis quer de história e testemunho, quer de interpretação, sobre figuras, acontecimentos ou doutrinas que importa conhecer. Ora, tal é o caso, indiscutivelmente, dos escritos do Dr. Sant'Anna Dionísio. E pode mesmo dizer-se que esta terá sido a melhor homenagem que, nesta fase da sua vida, lhe poderia ser prestada, como escritor distinto e laborioso que sempre foi.

O Cinquentenário da Morte

5 — De 21 a 22 de Novembro de 1986, decorreu na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, promovido pela Socie-

²⁵ Cf. SANT'ANNA DIONÍSIO, *Depoimento de um cirurgião*, in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 5-12-1983 e 12-12-1983; IDEM, *Evocação frígida da fatídica noite de Baltar*, in *Ibid.*, 26-12-1983; IDEM, *Leonardo Coimbra. O Tribuno e o Filósofo*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda,

dade Científica da mesma, um Colóquio sobre *Leonardo Coimbra (No Cinquentenário da sua morte)*.

Ainda se não tinham apagado os ecos das Comemorações do Centenário do Nascimento do filósofo-tribuno, mas a efeméride não passou despercebida. Constituiu motivo para reunião de Professores Universitários e especialistas, em aferição de análises e perspectivas, sobre um pensamento tão rico e evasivo, tão liminarmente abordado e estruturalmente desconhecido.

Sobre o teor das comunicações e a interpretação dos seus temas, pode ver-se a «Nota» do Dr. Carlos Henrique Carmo Silva — *Um ciclo de pensar activo na herança do filósofo do «Criacionismo»*²⁶.

Também o «JL» — *Jornal de Letras, Artes e Ideias* — rememorou a efeméride, dedicando-lhe duas páginas, já em 1987, para dar notícia do Colóquio, acompanhada de um comentário de Carlos Câmara Leme — *Um Colóquio sem debate* (?...). Juntou ainda um resumo da comunicação de Manuel Costa Freitas — *Trajectória de uma Ideia*, uma *Cronologia* de Leonardo Coimbra — *Do Princípio ao Fim* e um testemunho de Agostinho da Silva — *Duas Histórias Exemplares*²⁷.

Alguns meses depois, o mesmo semanário voltou ao tema, desta vez, para publicar duas cartas inéditas de Leonardo Coimbra a Francisco Torrinha, com apresentação de Manuel Cadafaz de Matos — *Leonardo Coimbra contra a passividade mística*²⁸.

Na Revista da Faculdade de Letras do Porto apareceram dois artigos: *No Cinquentenário da Morte de Leonardo Coimbra. A natureza leonardina da Razão*, por Joaquim Cerqueira Gonçalves; *Perspectivas éticas do Pensamento de Leonardo Coimbra*, por Luís Araújo (n.º 3 — 1986 — p. 103-124; 163-174).

1985, 370; IDEM, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e dos seus Problemas*, Porto, Edição do Autor, 1936, 112 pp.

²⁶ CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA, *Um Ciclo de Pensar Activo na Herança do Filósofo do «Criacionismo»* — Nota a propósito do Colóquio «Leonardo Coimbra», in *Itinerarium* 33 (1987) 471-477.

²⁷ JL — *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 12-01-1987, p. 10-11.

²⁸ *Ibid.*, 23-03-1987, p. 10-11.

LEONARDO, uma Revista de Geração

6 — A passagem do 75.º aniversário da «*Renascença Portuguesa*», sociedade que corporiza «o primeiro e mais importante movimento cultural a surgir e a afirmar-se neste século»²⁹ «precursor, entre nós, de todas as mutações culturais» nele ocorridas³⁰, foi o tempo oportuno para o lançamento, no Porto, de uma revista trimestral, que é um caso singular, por escolher, para título, um antropónimo, por se alhear de, ou superar os interesses dominantes, mesmo na área cultural, por ter a coragem de afirmar o primado da filosofia e assumir as consequentes renúncias.

Não é científica, económica ou literária; não pertence ao género misto e abrangente de actualidades ideológicas, sociais ou políticas; é simplesmente uma «*Revista de Filosofia Portuguesa*» e uma «*Revista de Geração*».

O primeiro aposto é o subtítulo da revista. O segundo, o título do primeiro editorial.

Define-se como revista de geração por ser uma publicação de filosofia. E de filosofia portuguesa, por espelhar uma geração, historicamente situada, que a recebe como herança, por um magistério vivo e iniciático.

Por isso, os princípios de tradição e autoridade garantem nela o essencial, são nela fundadores. Daí que o título seja uma referência nominal — um nome próprio erguido em símbolo, e os seus números já publicados tenham a evocação, que é invocação, de outras tantas figuras emblemáticas de gerações intermédias: Sant'Anna Dionísio, António Duarte, José Blanc Portugal, Garcia Domingues, Fernando Lanhas.

«O objectivo de *Leonardo* é a afirmação do pensamento português, na senda da tradição cultural iniciada no começo deste século com o movimento «A Renascença Portuguesa», animado pelo filósofo Leonardo Coimbra e continuado pelo movimento de Filosofia Portuguesa»³¹.

²⁹ ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS, *Génese e Precursores da «Renascença Portuguesa»*, in *Nova Renascença* 7 (1987) 146.

³⁰ Direcção de «Nova Renascença», *Nos 75 anos da «Renascença Portuguesa»*, in *Ibid.*, 193.

³¹ Editorial, *Leonardo, uma revista de geração*, in *Leonardo* 1 (1981) 1.

As suas ideias, expressas em teses fundamentais, compõem o idealismo criacionista de Leonardo com os desenvolvimentos originais de Alvaro Ribeiro e José Marinho.

Continuando, mais proximamente, o escol de livres pensadores que fizeram o movimento da Filosofia Portuguesa, propõe-se, como tarefas, a actualização das teses, dos conceitos, e ideias demonstradas pelos nossos filósofos. Como eles, fora de qualquer compromisso com instituições públicas ou privadas, mesmo a Universidade, «o primeiro inimigo da cultura portuguesa».

Mas com um fim prático, segundo o preceito Leonardino de que «o Homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer». «A perduração de Portugal, como Pátria, Nação, República e Povo, só pode ser assegurada, e até depende, de um ideal transcendente, que se verte em acto, ideal actual e actuante, na vida da comunidade»³².

Nos seis números já publicados, Leonardo não é apenas patrono nominal, mas uma presença constante, ora em artigos que o assumem como tema, ora em referências de outros.

Vemo-lo, no primeiro artigo, como uma das personalidades fundadoras da «*Renascença Portuguesa*»³³.

No terceiro, como arauto de um criacionismo humano que concebe o homem como «o obreiro de um mundo a fazer».

Este «mundo a fazer» foi determinado ulteriormente pelos seus discípulos (Delfim Santos, José Marinho, Alvaro Ribeiro), no desenvolvimento de um pensamento filosófico-pedagógico, onde estão patentes alguns dos pressupostos do criacionismo.

Será um mundo, onde a doutrinação filosófica precede a realização pedagógica e a estruturação pedagógica condiciona a acção política. Um mundo novo, construído pelos políticos, os governantes e os cidadãos, formados pelos educadores, os pedagogos e os iniciadores, por sua vez, guiados ou inspirados pelos pensadores criacionistas. Mundo novo, que segundo António Quadros, autor deste artigo, «será o Império, enfim do Espírito da Verdade. Quiçá o Quinto Império da antiquíssima profecia

³² *Ibidem*, 2.

³³ PAULO SAMUEL, *A Renascença Portuguesa ou a Fisionomia da alma Pátria*, in *Ibidem*, 3.

de Daniel, actualizada por Camões, por Vieira, por Pessoa, seus aúguers no espaço-tempo português»³⁴.

No quarto, volta a ser tema — *O Timeu e o conceito de analogia em Leonardo Coimbra*³⁵. E frequentemente falado na entrevista de Sant'Anna Dionísio.

O mesmo se pode dizer, embora em grau desigual, dos números seguintes. Através da variedade dos temas, puramente especulativos ou históricos, informativos ou críticos, vasados em formas literárias e mentalidades diversas, perpassa o vulto tutelar de Leonardo, em que se revêm os discípulos da novíssima geração.

Digna de nota é a abertura da revista ao diálogo interno, entre colaboradores. São disso exemplo os artigos e as cartas de António Telmo e Henrique Barrilero Ruas, em que sobressai a cultura e a capacidade crítica de ambos e a informação e domínio pelo segundo, da matéria metafísica, sempre questionada e nunca definitivamente e universalmente assimilada, qual é a relação Mundo-Deus, com recurso à analogia³⁶.

Últimos acontecimentos

7 — Estes últimos dois anos, a perfazer, não foram vazios de acontecimentos culturais, relativos ao filósofo do «Criacionismo».

O primeiro é de ordem institucional e pedagógica.

7.1 — Em Abril de 1988, foi feita pela Exma. Sr.^a D. Maria Odete Pinheiro Marques Coimbra e seus Exmos. Filhos, a doação da Biblioteca de Leonardo Coimbra, ao Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia³⁷.

³⁴ ANTÓNIO QUADROS, *O «Mundo a fazer» e como fazê-lo, segundo Leonardo Coimbra e os seus discípulos*, in *Ibidem*, 25.

³⁵ ANTÓNIO TELMO, *O Timeu e o conceito de analogia em Leonardo Coimbra*, in *Ibidem*, 26-32.

³⁶ HENRIQUE BARRILERO RUAS, *Carta a António Telmo*, in *Ibid.* 44-49; ANTÓNIO TELMO, *Carta a Henrique Barrilero Ruas*, in *Ibid.* 50-54; HENRIQUE BARRILERO RUAS, *O Deus dos filósofos e dos sábios*, in *Ibid.* 18-19.

³⁷ Cf. *Doação da Biblioteca de Leonardo Coimbra à Faculdade de Teologia — Porto*, in *Humanística e Teologia* 9 (1988) 97-99.

Embora não seja muito grande, tem o valor de ser especializada e revelar as vastas preocupações culturais do seu organizador. Está predominantemente orientada para as áreas filosófica e científica. Mas abrange ainda a Teologia, a literatura e a crítica social.

As preferências intelectuais, as leituras feitas e as influências recebidas por Leonardo Coimbra podem aí, em certa medida, ser detectadas, uma vez que ele tinha o hábito de sublinhar e anotar os seus livros³⁸.

O Centro Regional do Porto da Universidade Católica propõe-se constituir uma biblioteca-memorial, com o espólio recebido, que inclui alguns manuscritos, ainda por recensear, contribuindo deste modo com um fundo documental, ao dispor dos investigadores, para um melhor conhecimento não só da obra do Mestre Criacionista mas da chamada «Filosofia Portuguesa» ou da «Escola Filosófica Portuense»³⁹.

7.2 — Em meados do ano corrente, veio a público o volume, já assinalado no início deste artigo: *O Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*. Contém as comunicações que foram apresentadas no Colóquio realizado na Universidade Católica, em 1986, também já referido.

A sua importância é de realçar, pois se trata da primeira publicação, saída de uma Universidade e da autoria de Professores das três Faculdades de Letras do País e da Universidade Católica, a que se juntaram três dos mais ilustres representantes do movimento da «Filosofia Portuguesa».

E o sinal mais expressivo da reconciliação da instituição universitária com a personalidade e a obra de Leonardo Coimbra.

Mas não é único. Com efeito, a sua entrada na Universidade Portuguesa já se tinha realizado em 1983, aquando da apresentação, pelo Dr. Manuel Ferreira Patrício, à Universidade de Évora, da dissertação para doutoramento, em dois tomos, «*A Pedagogia de Leonardo Coimbra*» (infelizmente até há pouco, ainda iné-

³⁸ ANGELO ALVES, *As influências na elaboração do Criacionismo. A biblioteca de Leonardo Coimbra*, in *Humanística e Teologia* 9 (1988) 223-224 e 367-380.

³⁹ ANTÓNIO ARESTA, *A Escola filosófica portuense*, in *O Primeiro de Janeiro* 30-09-1981.

dita)⁴⁰ e do Ciclo de Conferências promovido pela Faculdade de Letras do Porto, também em 1983, conforme foi dito atrás, e igualmente inéditas.

E continua a manter-se, através de Seminários de Mestrado e Licenciatura, por exemplo, na Faculdade de Letras de Lisboa e na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica⁴¹ e da presença de um docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dr. Luís Araújo, no Congresso recentemente realizado nesta cidade — «O Porto na Época Contemporânea» — com uma comunicação sobre «A pessoa, no pensamento de Leonardo Coimbra»⁴².

O significado destes factos ressalta mais claramente, se for tida em conta a atribulada relação do filósofo-tribuno com a instituição universitária: desde o seu concurso fracassado, por desistência dele, para Professor assistente do Grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1912⁴³, até à criação (1919) e extinção (1928) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto⁴⁴, passando pela nota de marginalidade em relação à instituição universitária, reivindicada pela «Filosofia Portuguesa», desde Álvaro Ribeiro, até hoje⁴⁵.

⁴⁰ MANUEL FERREIRA PATRÍCIO, *Leonardo Coimbra e Henri Bergson: semelhanças e diferenças*, in *Leonardo Coimbra*, Lisboa, 1985, 147, n. 10.

⁴¹ FRANCISCO DA GAMA CAEIRO, *Os fundamentos da educação na filosofia de Leonardo Coimbra*, in *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Lisboa, 1989, 145, em nota *; CARLOS CAMARA LEME, *Um Colóquio sem debate (?) ...*, in *JL*, 12-01-1987, 11; ANGELO ALVES, *As influências na elaboração do Criacionismo*, 223, nota 2.

⁴² Cf. *Artes e Letras na Memória da Cidade*, in *Jornal de Notícias*, 12-10-1989, p. 10.

⁴³ Cf. SANT'ANNA DIONÍSIO, *O Filósofo e o Tribuno*, Lisboa, 1985, 59-63.

⁴⁴ *Ibid.*, 115-120 e 258-259; LUIS A. DE OLIVEIRA RAMOS, *Os Quadros da Antiga Faculdade de Letras*, in «Cultura e Arte», suplemento de *O Comércio do Porto* 18-11-1980, 24; JOSÉ AUGUSTO SEABRA, *Perspectivas científicas e pedagógicas da Faculdade de Letras*, in *Ibid.* 25; IDEM, *Leonardo Coimbra e a Faculdade de Letras do Porto: Uma Filosofia da Liberdade Criadora*, in *Nova Renascença* 7 (1987) 257-260.

⁴⁵ PINHARANDA GOMES, *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, 1987, 102.

Conclusão

Deste sumatório de iniciativas e movimentações culturais durante a presente década, é legítimo dar como demonstrada a conclusão que já anunciámos, no início deste artigo: soou, finalmente, para Leonardo Coimbra, a hora da reconciliação e da justiça.

Falta apenas prosseguir e completar esta tarefa de reabilitação, aproximando análises críticas ou apreciações liminares e sectoriais, pondo em foco os consensos já estabelecidos, estabelecendo um debate de especialistas sobre os mesmos temas fundamentais e não sobre temas livres e dispersos, divulgando as intuições precursoras do Criacionismo, a fecundidade do seu humanismo e a adequação aos problemas da hora que vivemos, quer na Pátria portuguesa, quer na universalidade do Mundo.

ANGELO ALVES

Professor Auxiliar da Faculdade de Teologia — Porto

APÊNDICE

1 — Ciclo de Conferências e Mesa-Redonda que assinalaram o I Centenário do Nascimento de Leonardo Coimbra com a colaboração e o apoio da Faculdade de Letras do Porto e da Fundação Eng.º António de Almeida:

A Comissão organizadora das Comemorações foi constituída pelos Professores Doutores Maria Carmelita de Sousa, que presidiu, Maria Cândida Pacheco e José Augusto Seabra e pelos Drs. Aloísio Lobo e José Augusto Ribeiro Graça.

A sessão inaugural das comemorações desta efeméride realizou-se no dia 15 de Março na Faculdade de Letras, sob a presidência do reitor da Universidade, Professor Doutor Oliveira Ramos. Nesta mesma sessão, o Prof. Doutor Alexandre Morujão proferiu uma conferência subordinada ao tema «*O Sentido da Filosofia em Leonardo Coimbra*».

Em 14 de Abril, o Dr. José Sant'Anna Dionísio subordinou a sua conferência ao tema «*O Pessimismo de Antero de Quental interpretado por Leonardo Coimbra*».

No dia 12 de Abril, teve lugar a mesa redonda sobre, *Leonardo Coimbra e a Filosofia Portuguesa*, com a participação de Afonso Botelho, António Alvim, Dr. António Braz Teixeira, António Telmo, António Quadros, Fernando Sylvan, Joel Serrão, sendo moderador José Augusto Seabra.

Em 1 de Julho, o Prof. Doutor Manuel Freitas falou sobre «*O Tema da Saudade no pensamento criacionista de Leonardo Coimbra*».

A 19 de Outubro o Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves proferiu uma conferência intitulada «*Pensamento e Sociedade na obra de Leonardo Coimbra*».

No dia 3 de Novembro, o tema «*Tentativa de um perfil epistemológico de «O Criacionismo» de Leonardo Coimbra*» foi tratado pelo Dr. Aloísio Lobo.

Em 17 de Novembro, o Dr. José Gama proferiu uma conferência sobre «*Leonardo Coimbra e a Poesia Portuguesa*».

Em 22 de Novembro, foi a vez do tema «*Leitura metafísica de «A Alegria, a Dor e a Graça», obra-prima de Leonardo Coimbra*», em conferência pelo Doutor Ângelo Alves.

Em 30 de Novembro, o Dr. Luís Araújo proferiu uma conferência intitulada: «*Perspectivas éticas do pensamento de Leonardo Coimbra*».

No dia 5 de Dezembro, o Prof. Doutor Eduardo Abranches Soveral falou sobre «*A Filosofia de Leonardo Coimbra — síntese interpretativa e crítica*».

Em 7 de Dezembro, o Dr. Costa Macedo proferiu uma conferência sobre «*Humanismo e Metahumanismo em Leonardo Coimbra*».

Na sessão de encerramento das comemorações do Centenário do Nascimento do filósofo português, em 16 de Dezembro, o Prof. Doutor José Augusto Sabra proferiu uma conferência subordinada ao tema «*Leonardo Coimbra e a Faculdade de Letras do Porto*».

Todas as sessões, à excepção da inaugural e da que encerrou o ciclo, e a mesa redonda decorreram nas instalações da Fundação Eng.º António de Almeida.

2 — Sumário do número especial da *Revista Portuguesa de Filosofia*, «dedicado a Leonardo Coimbra por ocasião do I Centenário do seu Nascimento». Vol. XXXIX (1938) 345-503.

Alexandre Fradique Morujão, *O sentido da filosofia em Leonardo Coimbra*, p. 345-364.

José Gama, *Filosofia e Poesia no Pensamento de Leonardo Coimbra*, p. 365-381.

Miguel Spinelli, *Criacionismo: um velho nome para uma nova forma de pensar*, p. 382-407.

Manuel Patrício, *O anti-aristotelismo explícito de Leonardo Coimbra (Contribuição para o estudo do Problema)*, p. 408-452.

Norberto Cunha, *Leonardo Coimbra perante a acrasia sergiana*, p. 453-476.

Notas: *Obras de Leonardo Coimbra*, por Alexandre Fradique Morujão, p. 480-484.

3 — Estudos publicados na obra de colaboração *Leonardo Coimbra, Filósofo do Real e do Irreal (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, 1985.

Pinharanda Gomes, *Prefácio*, p. 7-16.

António Quadros, *A obra de Leonardo Coimbra no contexto cultural da sua época*, p. 17-60.

Paulo Samuel, *Leonardo Coimbra intérprete da poesia moderna portuguesa*, p. 61-86.

Adelino Alves, *Leonardo Coimbra e a Liberdade de Ensino*, p. 87-126.

Joaquim Cerqueira Gonçalves, *Leonardo Coimbra. A Filosofia Criacionista*, p. 127-144.

Manuel Ferreira Patrício, *Leonardo Coimbra e Henri Bergson: semelhanças e diferenças*, p. 145-184.

Afonso Botelho, *O Precursor da Teoria*, p. 185-194.

Dalila L. Pereira da Costa, *Leonardo Coimbra e a Saudade*, p. 195-202.

António Telmo, *A Conversão*, p. 203-210.

Moreira das Neves, *O Lutador que soube vencer-se* p. 211-218.
 Angelo Alves, *Da Paixão da Verdade à Conversão ao Catolicismo*, p. 219-232.

Orlando Vitorino, *Leonardo e a Política*, p. 233-244.

Pinharanda Gomes, *O Humanismo Personalista de Leonardo Coimbra*, p. 245-260.

Breve Antologia de Textos de Leonardo Coimbra, p. 261-262.

A Filosofia Criacionista, p. 263-268.

Um mito da Felicidade, p. 269-274.

A Filosofia, órgão da Liberdade, p. 275-284.

Liberdade e Autoridade, p. 285-292.

A situação política de Leonardo Coimbra, p. 293.

4—Comunicações ao Colóquio «Leonardo Coimbra. No Cinquentário da sua Morte», publicadas no volume «O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», Lisboa, 1989.

Manuel B. Costa Freitas, *O Criacionismo de Leonardo Coimbra—Trajectória de uma ideia*, p. 5-26.

Eduardo Abranches de Soveral, *Análise de «O Criacionismo» de Leonardo Coimbra (1883-1936)—Notas Prévias*, p. 27-40.

M. Cândida Pacheco, *O sentido da intuição no pensamento de Leonardo Coimbra*, p. 41-50.

Joaquim Cerqueira Gonçalves, *A razão em «A razão experimental» de Leonardo Coimbra*, p. 51-56.

A. F. Morujão, *Ciência e filosofia no pensamento de Leonardo Coimbra*, p. 57-74.

A. J. de Brito, *Pensamento e Realidade em Leonardo Coimbra*, p. 75-110.

Luís Aires-Barros, *Do criacionismo de Leonardo Coimbra ao paradigma de Thomas Kühn*, p. 111-118.

António Braz Teixeira, *Criacionismo e saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, p. 119-128.

Carlos H. do C. Silva, *O tempo e a «visão ginástica» em Leonardo Coimbra—Ambiguidades do continuismo criacionista*.

Leonardo Coimbra—Ambiguidades do continuismo criacionista, p. 129-144.

Francisco da Gama Caeiro, *Os fundamentos da educação na filosofia de Leonardo Coimbra*, p. 145-156.

Afonso Botelho, *Morte essencial e morte existencial em Leonardo Coimbra*, p. 157-164.

António Quadros, *Mestre de Mestres ou Do magistério de Leonardo Coimbra ao magistério dos discípulos*, p. 165-178.

Ângelo Alves, *Teoria e experiênciia metafísicas no pensamento de Leonardo Coimbra*, p. 179.

Este volume, além de repetir o título de uma obra de José Marinho, publicada em 1945, e de ter sofrido uma má revisão tipográfica, contém uma inexactidão acerca da qual o autor deste artigo escreveu a seguinte carta:

Porto, 17 de Julho de 1989

Há pouco mais de duas semanas recebi o volume «O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», enviado da Universidade Católica, em Lisboa.

Regozijo-me pelo seu aparecimento, apesar da demora de mais de dois anos e meio, em relação ao Colóquio, do qual apresenta as «Actas».

Na breve apresentação do livro, lamenta-se V. Excia de duas irregularidades. Uma, por omissão: não foi possível, infelizmente, incluir no conjunto dos estudos citados, a comunicação de alguém. Outra, por omissão e fraude: a comunicação do signatário (o título está incompleto, pois lhe falta o adjetivo «metafísicas») «aparece substituída por um outro estudo do mesmo autor».

Foi com estupefacção que li esta frase.

Primeiro, como foi possível chegar V. Excia a tal convencimento, tendo presidido à sessão do Colóquio em que a comunicação foi feita? Depois, como foi possível trazê-lo a público, sem qualquer advertência ou entendimento com o visado, tendo sido o primeiro organizador do Colóquio. Finalmente, como consentiu em tal desconsideração para com os outros intervenientes no Colóquio e coautores deste livro?

É certo que a afirmação referida e principal vem complementada, de modo confuso por duas orações subordinadas. A primeira funciona como argumento contrário à afirmação principal e a segunda, como argumento a favor da mesma: (um outro estudo do mesmo autor), «visando a mesma temática, embora de extensão mais vasta do que a do texto realmente apresentado».

Quer dizer, a única razão pela qual afirma a alteridade da comunicação e do estudo publicado, vem a ser a extensão mais vasta do segundo em relação à primeira. Isto, apesar da temática ser a mesma.

Não está a preferir a quantidade à qualidade ou até à essência?

E acrescento: não só a temática é a mesma, mas também a divisão tripartida, a dinâmica interna, a tese de fundo, as provas aduzidas.

De resto, como é sabido e tenho verificado em casos similares, as comunicações orais são menos extensas do que as comunicações escritas, pois é necessário dar tempo ao debate ou colóquio e, para este,

bastam as ideias fundamentais, não sendo necessárias a sua completa prova e desenvolvimento. Foi o que aconteceu neste Colóquio, pois alguns dos estudos publicados são, certamente, mais extensos do que as comunicações feitas.

No caso do signatário, «o texto realmente apresentado» não foi apresenado a ninguém como texto escrito. As partes oralmente omitidas foram a seu empo indicadas e tiveram um resumo de cinco a dez minutos, dos poucos mais de vinte que lhe couberam ou foram destinados. E, seguidamente, colóquio não houve.

Disto, talvez V. Ex.cia se recorde, pois presidiu à sessão e regulamentou o seu andamento.

Porque este assunto não diz respeito apenas a V. Ex.cia e ao signatário, e por amor à verdade, remeterei uma cópia desta carta a todos os intervenientes no Colóquio e coautores deste livro.

Elementos para uma teologia da fraternidade humana

Qualquer tentativa de uma reflexão teológica sobre a fraternidade humana depara, à partida e como primeira grande dificuldade, com a amplitude de sentido e a diversidade de uso que afectam o termo «fraternidade». Por isso mesmo começarei por fazer umas observações elementares sobre o conceito de fraternidade, para, numa segunda parte, analisar alguns dos fundamentos da fraternidade humana numa perspectiva teológica. A terceira e última parte desta reflexão será dedicada a alguns indicativos práticos do que significa hoje a exigência cristã de construção da fraternidade humana.

1. *Algumas observações sobre o conceito de «fraternidade»*

1.1. Uma elementar observação permite verificar que a palavra «fraternidade» e o adjectivo «fraterno/a» encontram hoje um uso bastante amplo e difuso tanto em circunstâncias da vida corrente («Rua da Fraternidade»; «Corrida da Fraternidade», etc.) como no próprio discurso político ou na linguagem eclesial (para comprovar isso basta folhear *L'Osservatore Romano* ou os mais recentes documentos papais). Qualquer resenha da história do conceito, história essa que naturalmente não vou fazer aqui¹, confirma que se trata de um conceito

¹ Para a história do conceito cf. J. RATZINGER, *Frères dans le Christ, L'esprit de la fraternité chrétienne*, Paris 1962, 10-55; G. KRAUSE/R. STUPPERICH, *Bruderschaften/Schwesterschaften/Komunitäten*, in *Theologische Realenzyklopädie* VII, ed. por G. KRAUSE/G. MÜLLER, Berlin-New York 1981, 195-206; W. ZAUNER, *Brüderlichkeit und Geschwisterlichkeit*, in *Theologisch-praktische Quartalschrift* 137 (1989) 228-237; J. B. BAUER, *Brüderlichkeit in der alten Kirche*, in *Theologisch-praktische*